

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



ALUNA/PROFESSORA/JOGADORA: PERSPECTIVAS SOBRE APRENDER/ENSINAR INGLÊS.

Maria Luísa Santos Maia

UFCAT - IEL - PPGEL - Mestrado

mallusmaia@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro

UFCAT- IEL - Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem

fabianna_bellizzi_carneiro@ufcat.edu.br

GT 2: História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica

RESUMO

Dentre as diversas formas de leitura, esta pesquisa se faz importante, pois dentro da investigadora, diferentes semioses a construíram e possibilitaram a narrativa de contar e recontar suas memórias e experiências de acordo com as peculiaridades da Pesquisa (Auto) Biográfica. Em uma pesquisa qualitativa, a investigação leva ao pensamento crítico sobre momentos chave da vida e jornada da aluna/professora e jogadora que tem sua narrativa tocada por momentos de reflexão internamente e externamente, justificando este texto em função da possibilidade de abertura do leitor às novas formas de leitura, ensino e aprendizagem com os jogos como foco, levando a conclusão de que através da narrativa de sua história em seus instantes são relevantes para as discussões acadêmicas de memória, leitura e pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Memória. Narrativa. Jogos.

INTRODUÇÃO/DESENVOLVIMENTO/CONCLUSÕES

A Pesquisa (Auto)Biográfica na área da educação se consolida como uma abordagem metodológica relevante, sendo o pesquisador objeto e fonte de investigação. Buscando construir conhecimento através da experiência vivida, este texto é redigido com o objetivo de

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



ilustrar a Pesquisa (Auto) Biográfica por meio de um exemplo prático e refletir sobre suas contribuições para o meio acadêmico.

Especialmente na pesquisa qualitativa, a Pesquisa (Auto) Biográfica é uma abordagem metodológica que leva ao pensamento crítico, sendo o mesmo indispensável no movimento de investigação da narrativa, narrativa esta que ultrapassa o conceito de relato pessoal para uma análise contextualizada de sua jornada. Ao ponderar sobre suas experiências, o investigador além de reconstruir suas memórias, questiona suas práticas e relações que atravessam sua história, pois “[...] O indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136) A partir dessa afirmação podemos dizer que no ato de pensar em si, os momentos que nos rodeiam também nos constroem e moldam nossas memórias, num movimento mútuo, além da troca, mas sim de uma mescla. Portanto, busquemos através das memórias a construção de uma narrativa que ajuda a entender o processo da educação, leitura e identidade da autora.

Esta pesquisa/trabalho, então, busca entender como diversos fatores ao longo da vida da investigadora constroem sua identidade de Aluna//Professora e como as diferentes formas de leitura influenciam no processo de crescimento e aprimoramento pessoal e constituição da identidade profissional. É importante também ressaltar que as memórias aqui investigadas apontam para novas possibilidades no contexto da educação, tal como o aprendizado da língua inglesa por meio de jogos e pela leitura dedicada de diversas semioses, assim se solidificando como um tópico para discussões e reflexão.

É com a memória enevoada que essa jornada começa. No meio da névoa tem uma pequena criança que lia o mundo antes de ler as palavras, fingia que lia, ia pra escola de mentirinha que com sua irmã mais velha brincava. Pequeninha, fingia que escrevia com

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



rabiscos num papel qualquer. Foi assim que começou meu laço com as palavras, com as histórias e com o aprender e ensinar.

Meus anos de criança são um borrão: pré-escola, primeira série, segunda série... quando vejo as fotos é como se eu desbloqueasse um pedaço secreto da minha história. Gostava de terminar as tarefas primeiro, numa competição individual com minha própria sombra. Acredito hoje que eu consiga ver o quanto, desde jovenzinha, eu me cobrava, menos com minha letra, que sempre foi difícil de ler, até eu ter que deixar a cursiva pra trás.

Posso dizer que meu relacionamento com os livros é íntimo, afinal, conheço histórias desde sempre, aquelas que minha mãe contava, misturando todas as princesas numa história só, nos livros dos quais eu conseguia ler só as imagens, até crescer e passar a escrever minhas próprias histórias e colocá-las no papel. Parecia que minha vida estava escrita, inclusive meu futuro.

Eu seguia os passos dos meus irmãos, herdando certas responsabilidades que para alguém tão pequeno era difícil não se intimidar. As notas altas de minha irmã, o carisma do meu irmão, eu andava na corda bamba tentando ser os dois e não uma cópia de cada um. Quando fui conquistando meu espaço, era possível ver os traços que me formavam, mas, com esses traços, meu caminho já foi traçado, um caminho que eu ainda não conseguia entender.

“Você vai ser professora um dia!”

Parecia que meu futuro havia sido escolhido por mim, como se eu não servisse pra outra coisa, era minha rota, não adiantava deixar esse caminho e não interessava o meu querer. Claro, vindo de uma família de professoras (minha mãe, minhas tias, minha madrinha), era certo que eu ia enveredar por esse meio. Mas eu não entendia, pois, em qualquer reunião de família onde o tópico era profissão, tudo que eu ouvia sobre ser professora era “Nossa, é muito mal pago”, “Vira professora não!”, eu me sentia trapaceada. Se dar aulas era tão ruim, por que estão desejando isso pra mim?

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



Mas eu era ainda muito jovem pra me preocupar com emprego. Eu estava mais empolgada com meu melhor amigo, depois dos livros: o videogame. Jogos foram minha maior companhia, mesmo que eu não soubesse o que estava escrito, afinal, tudo estava em inglês. Esse foi o meu primeiro contato com uma língua estrangeira e posso afirmar que um elo profundo se formou ali. Minha irmã jogava um jogo chamado *Harvest Moon: Back to Nature*, um jogo de simulação rural. Meu irmão jogava *Resident Evil* um jogo de zumbis. Tudo o que tínhamos em *Harvest Moon* eram dicas visuais dos personagens, se gostaram ou não de alguma ação do jogador e a famosa “tentativa e erro”. Criamos diversas fazendas, colhemos diversos vegetais, legumes e frutas e, graças às imagens do jogo, fomos aprendendo sobre todas as coisas em inglês.

Quanto ao conceito de memórias Pollack (1989, p. 201) discorre sobre como acontecimentos tanto os vividos pessoalmente, quanto os vividos “por tabela” que são acontecimentos vividos pelo grupo do qual a pessoa se sente parte, são impactantes:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1989, p. 201)

Ainda que Pollak (1989, p. 201) esteja discorrendo sobre memórias e pessoas, o fato de existirem personagens, principalmente aqueles que não pertencem ao espaço tempo da pessoa, vale dizer que em minha vida, houve sempre alguns personagens de jogos que me acompanharam, fazendo com que sua presença ou menção fosse desbloquear memórias que ficam pouco abaixo da superfície, esperando suas vezes de serem chamadas.

O jogo passou a fazer parte da minha rotina e o aprendizado era constante, como se eu estivesse aprendendo a falar tudo de novo, até que cheguei ao ponto de entender inglês com certa facilidade. Assim eu cresci, rodeada de palavras de todas as formas, perdida em mundos

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



maravilhosos, fosse no quintal de casa, na carteira da escola ou no sofá com um controle de videogame na mão.

Quando cheguei ao Ensino Médio a escola era outra, ou talvez eu fosse outra pessoa, mas eu ainda era como um coelho, perdido numa imensidão de floresta, com os batimentos rápidos e ansiosos. Curiosamente, minha leitura se expandiu, lendo agora partituras, pois havia começado a aprender violão. Meu primeiro esbarro com a Universidade foi tentando entrar para o curso de Música na UFU. Mas essa realidade não veio a ser. Eu passei, mas não fui, e olhando em retrospecto, eu agradeço por não ter ido. Essa percepção é parte do que significa estas decisões em relação ao todo e como o todo nos leva a essa decisão. “Nesse sentido, a narrativa nos permite “[...] indagar sobre o modo como o espaço significa para nós e como nós o fazemos significar” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.75).

Foi também no Ensino Médio que mostrei para o mundo a minha escrita. Eu escrevia, sempre, mas ler minhas palavras era como sentir o fluxo do meu sangue, íntimo demais. A professora de Português (dela não esqueço) acreditou no que eu escrevia. E me saí bem em um concurso, ficando em segundo lugar com um conto sobre a morte. Esse conto me rendeu diversas cópias do livro em que foi publicado e sugestões de que minha mãe procurasse uma psicóloga, pois eu havia escrito algo muito entrelaçado com a morte.

A Universidade ainda era o meu próximo passo. E por impulso, medo, curiosidade e pressão, eu fui parar no curso de História da UFG – Regional Catalão, antes mesmo da Universidade ser nossa. Meus passos na História são breves, somente uma clareira na floresta. Mas meu destino não era ali. Dentro da floresta, eu só podia contar com meus instintos de coelho, procurar a minha toca era cansativo, mas eu sabia que devia continuar.

Pensando sobre o eu do futuro, podemos tocar na ideia de que cada decisão é recontada aqui sob uma perspectiva subjetiva.

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A ideia do “devenir biográfico” está ligada a representações que são construídas através da fala de uma época, de uma sociedade, essa construção que dá sentido à uma “dimensão constitutiva da individualidade”, do “vir a ser” através do que eu escolho narrar gerando uma forma com a qual me identificar, uma perspectiva subjetiva que contém muitas “marcas” individuais e coletivas. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.526)

E então, lembrando daquela profecia do início, eu estava frente a frente com meu destino: Letras Português – Inglês, na Universidade Federal de Catalão. O idioma que eu havia aprendido comigo mesma e meus personagens favoritos, a ideia de ser professora, mais quatro anos na Universidade.

Desde o primeiro semestre, eu participei do programa de extensão – Centro de Línguas –, onde tive a oportunidade de ter um gosto de como era dar aulas, estar em contato com alunos, de estudar e planejar, era o lugar perfeito para testar e aprender, fazer de mim uma professora.

Conforme os semestres passavam, mais certeza eu tinha que aquele era meu caminho, principalmente quando eu voltei ao meu mundo dos jogos. Quando o fim do curso chegou, eu já sabia o que queria, bastava encontrar um professor empolgado o suficiente para entrar na aventura final, afinal, jogos ainda são uma área pouco explorada academicamente. Mas eu encontrei, sem precisar procurar muito, a professora que viria a ser minha orientadora abraçou a ideia com entusiasmo. Esse entusiasmo fez diferença em como eu mesma encarava o trabalho de conclusão de curso, aquela era a hora e aquele era o lugar pra deixar meus mundos se colidirem, e então se mesclarem. Jogar era, para mim, algo muito natural, mas jogar com os olhos de pesquisadora fez com que aquele universo se desdobrasse de formas inéditas até então.

E foi com os olhos de pesquisadora e jogadora que minha jornada no curso de Letras se encerrou, analisando a relação entre jogos e literatura. A minha história como universitária

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



ainda vive altiva e fresca em minha memória, o suficiente para lembrar dos erros e acertos a serem revisitados no caminho da pós graduação.

A pós graduação nunca foi um sonho, mas sim uma certeza, e algum momento eu chegaria lá, mas eu não esperava que fosse tão cedo, afinal, quase de imediato, eu estava inserida neste ambiente, que se difere da graduação em diferentes níveis. Tais níveis, como as disciplinas serem mais intensas, uma dissertação a ser pensada e escrita, fazem com que a experiência da graduação pareça distante.

A jornada a partir da pós-graduação nível Mestrado é ainda desconhecida, mas as memórias que tenho agora pintam uma imagem de curiosidade, tentativa e erro, mais uma vez, de um coelho na floresta. Podemos dizer que a educação que tive se reflete no tipo de professora que sou, e almejo ainda ser, sempre buscando com que meus alunos sintam confiança, assim como a que senti pelos professores que passaram pela minha história.

Chegamos então ao tempo presente e nos cabe o movimento analítico e reflexivo da narrativa. “Há diferença entre o ‘ato de viver’ e o ‘ato de contar’, aí está o texto produzido pela atividade narrativa”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.529). Vivendo é que construímos a matéria para narrativa, que ao ser contada se transforma para além de um relato, a história do viver pode ser revivida através do contar, relembando nós mesmos quem somos e por que narramos.

Concluo então que para minha experiência de aluna/professora/jogadora, diversas formas de leitura me moldaram: “um indivíduo que forma o mundo enquanto forma a si mesmo.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.144)

Os jogos me ensinaram o idioma que falo hoje, e que é no momento, meu sustento. É por meio dos jogos e as leituras que eles proporcionam que se deu grande parte de minha formação pessoal. Portanto, a leitura me guia na floresta da vida, os jogos me fazem um coelho mais esperto, os livros me protegem dos meus predadores, e ser professora é mais do

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



que uma profissão, mas sim um legado deixado para mim pelas professoras que passaram pela minha história. Ouso dizer que tenho um pouco de cada uma daquelas que me orientaram, e carrego comigo suas coragens, e saio da minha toca com o coração acelerado, com ânsia de ensinar e aprender e conhecer pessoas e personagens na jornada que chamo de história.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes, São Paulo: Imprensa oficial de São Paulo; Edunesp, 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. A Pesquisa Biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 23 jul. 2025

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.51, p.523-536, set-dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio." In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989.

HALBWACHS, M. Memória coletiva e memória histórica. In: HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003a.